

Atos

Esperança Renovada (23:11–35)

É trágico perder a esperança. Já estive com pessoas que perderam a esperança de melhorar de saúde, de um ente querido se restabelecer, do cônjuge voltar¹. Ombros caídos, rostos esmorecidos e olhos parados. Quando a esperança é tudo o que nos mantém vivos, é devastador concluir: “...não há esperança” (Jó 6:11b; NTLH).

Certa vez, Paulo desejou ir até Roma (Atos 19:21; Romanos 15:22–29), mas esse desejo foi esmagado. Poucos dias após sua chegada a Jerusalém, ele foi espancado e preso. Agora, estava encarcerado e os judeus continuavam a conspirar sua morte. Parecia uma situação sem saída: se ele ficasse na prisão, não teria nenhum ministério; se fosse solto, certamente seria morto. Sua esperança de chegar a Roma feneceu até desaparecer.

Esta lição é sobre o renascimento da esperança de Paulo — e como as suas e as minhas esperanças esmorecidas podem ser renovadas².

A PROMESSA DE DEUS (23:11)

Em 23:10, Paulo foi salvo das garras do Sinédrio: “Tomando vulto a celeuma, temendo o comandante que fosse Paulo espedaçado por

eles, mandou descer a guarda para que o retirassem dali e o levassem para a fortaleza”.

Esta lição começa com Paulo sozinho na cela da prisão. Estava escuro, mas ele não conseguia dormir. G. Campbell Morgan chamou essa noite de “uma das mais escuras... da história de Paulo”³. A bofetada que o apóstolo recebeu na câmara do Sinédrio agravou os ferimentos que recebera antes, quando a multidão o espancou, causando-lhe novas dores. A maior de todas as dores, porém, era no coração⁴.

Lucas não falou do estado mental de Paulo, mas não é difícil uma reconstrução disso⁵: ele devia estar *desanimado*; os planos que alimentara para melhorar as relações entre os cristãos pareciam não ter levado a nada. Com certeza, estava *decepcionado*; queria que seus amigos judeus o ouvissem, mas recusaram-se. Devia estar cheio de *dúvidas*; era como se não houvesse um meio dele chegar a Roma. Em seu coração, a esperança havia desvanecido.

O Senhor, porém, é o grande renovador de esperanças. Durante seu aparecimento a Paulo, na estrada para Damasco, Ele prometeu que reapareceria de vez em quando (26:16). Pelo menos duas vezes antes, o Senhor cumpriu essa

¹Pode-se adequar esses exemplos para públicos específicos relacionados a áreas em que se perdeu a esperança.
²“Esperança” é uma palavra chave nos capítulos finais de Atos (23:6; 24:15; 26:6, 7; 28:20).
³G. Campbell Morgan, *The Acts of the Apostles* (“Os Atos dos Apóstolos”). Grand Rapids, Mich.: Fleming H. Revell, 1988, p. 379.
⁴Como o relato de Lucas é abreviado, como sempre, devemos ser cautelosos ao apontar para a igreja de Jerusalém — mas até onde se sabe, ele não recebeu nenhuma ajuda ou apoio da congregação local durante os problemas que enfrentou em Jerusalém. Gostaria que pudéssemos ler que “a igreja de Deus fez orações fervorosas por ele”, como fizera por Pedro (12:5), mas não podemos.
⁵Podemos reconstruir os pensamentos de Paulo comparando seus planos e o que aconteceu a ele com as palavras de Jesus, as quais obviamente foram proferidas para consolar o apóstolo nas áreas em que ele mais precisava.

promessa quando o espírito de Paulo atravessava um período de depressão e o perigo estava próximo (22:17–21; 18:9, 10). Agora, o Senhor viera até ele novamente: “Na noite seguinte [à audiência de Paulo perante o Sinédrio], o Senhor, pondo-se ao lado dele⁶, disse: Coragem!⁷ Pois do modo por que deste testemunho a meu respeito em Jerusalém⁸, assim importa que também o faças em Roma⁹” (23:11).

O Senhor sentiu as dores de Paulo (Hebreus 4:15) e cuidou de cada ferida. Paulo ficou desanimado ao ver como a situação deu uma reviravolta, então Jesus lhe trouxe uma mensagem de *coragem*. Ele disse: “Tem ânimo” (ERC). Warren Wiersbe disse:

Jesus falou essas palavras muitas vezes, durante Seu ministério terreno. Ele as falou, por exemplo, para o homem paralítico (Mateus 9:2) e para a mulher hemorrágica (Mateus 9:22). Ele as gritou para os discípulos na tempestade (Mateus 14:27) e as repetiu no cenáculo (João 16:33). Como povo de Deus, podemos sempre ter ânimo nos tempos de dificuldade porque o Senhor está conosco e cuidará de nós¹⁰.

Paulo estava decepcionado porque pensava que havia fracassado na tentativa de convencer os judeus, por isso Jesus lhe deu uma mensagem de *elogio*: “... [tu] deste testemunho a meu respeito em Jerusalém”. A tarefa de Paulo não era converter, mas pregar. Isso ele havia feito, e o Senhor reconheceu seu empenho. “Sucesso” evidente não é uma indicação de que estamos agradando ao Senhor. Quando executamos fielmente nossa missão, deixamos o Senhor feliz.

Paulo estava cheio de dúvidas quanto ao futuro, então Jesus presenteou-o com uma palavra de *confiança*: “...importa que também o faças [testemunhes] em Roma”¹¹. Pela primeira vez, Paulo soube com certeza que chegaria a Roma. O Espírito lhe avisara que “cadeias e tribulações” o esperavam em Jerusalém (20:22, 23), mas o Espírito não dissera nada além disso. Agora, quando parecia que sua ida a Roma dera

num beco sem saída, o Senhor abriu uma ampla rodovia diretamente para a capital do Império!

O Senhor não prometeu conforto, liberdade, nem sucesso a Paulo. Ele prometeu apenas que Paulo chegaria a Roma — mas isso era tudo o que o apóstolo precisava. Quando a visão cessou, o corpo de Paulo ainda doía e ele ainda estava cercado pelas paredes do cárcere. Ainda não tinha idéia de como chegaria lá, mas nada disso importava. Agora, tinha a promessa do Senhor, que soprara nas brasas de suas expectativas, as chamas da esperança mais uma vez queimavam ardentemente em seu peito.

Quando a noite é a mais escura de todas e a esperança feneceu, o Senhor pode renovar nossa esperança. Não, o Senhor não virá até nós numa visão com uma promessa de que cada sonho se realizará. Todavia, Ele nos dá uma mensagem de coragem, elogio e confiança. Sua mensagem de coragem é: “Espera pelo Senhor, tem bom ânimo, e fortifique-se o teu coração; espera, pois, pelo Senhor” (Salmo 27:14). Sua mensagem de elogio é: “Muito bem, servo bom e fiel” (Mateus 25:21). Sua mensagem de confiança é: “E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve” (1 João 5:14). Talvez nem tudo em nossas vidas esteja correto, mas uma coisa é certa: Deus nos ama e cuida de nós e fará todas as coisas nas nossas vidas “[cooperarem] para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Romanos 8:28)!

A história de Paulo ainda não acabou. A promessa do Senhor foi duramente posta à prova logo depois.

A PROVIDÊNCIA DE DEUS (23:12–35)

Feita uma Conspiração (vv. 12–15)

Assim como o Senhor falou a Paulo do seu futuro, os inimigos do apóstolo estavam pen-

⁶A expressão “pondo-se ao lado dele” pode ser entendida tanto literal quanto simbolicamente — para indicar que o Senhor não o abandonara. Em 2 Timóteo 4:16, 17, Paulo disse: “Na minha primeira defesa, ninguém foi a meu favor; antes, me abandonaram... Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças...”. ⁷A ERC diz: “Tem ânimo”, mas o texto original tem literalmente: “Seja corajoso”. ⁸Teoricamente, Paulo estava se defendendo; na prática, estava testificando para a causa do Senhor. ⁹Uma sugestão é que as palavras “assim importa que também o faças em Roma” poderiam ser “o título para o último terço do Livro de Atos. Começando pelo capítulo dezesseis, o tema central é o avanço de Paulo em direção a Roma” (Halford E. Luccock, *The Acts of the Apostles in Present-Day Preaching* [“Os Atos dos Apóstolos na Pregação de Hoje”]. Chicago: Willett, Clark & Co., 1942, p. 152). ¹⁰Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary* (“Comentário Expositivo da Bíblia”), vol. 1. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1989, p. 495. ¹¹Rick Atchley sugeriu que o Senhor, com efeito, estava dizendo: “Já comprei as passagens!” (“Good Counsel from a Bad Council” [“Um Bom Conselho de um Mau Concílio”]. Sermão pregado na igreja de Cristo em Southern Hills, Abilene, Texas, em 8 de março de 1987).

sando em como poderiam evitar que ele tivesse um futuro. Frustrados por ter ele escapado pelos seus dedos, no pátio dos gentios e novamente no Sinédrio, elaboraram um plano que julgavam ser infalível. “Quando amanheceu, os judeus se reuniram e, sob anátema, juraram que não haviam de comer, nem beber, enquanto não matassem Paulo¹². Eram mais de quarenta os que entraram nesta conspirata” (vv. 12, 13). O juramento que fizeram devia ser algo semelhante ao seguinte: “Que o Senhor nos tire a vida, se comermos ou bebermos antes de matarmos Paulo”. Será que ficamos espantados por que o nome de Deus foi invocado em ligação com tal propósito homicida? Jesus prometera a Seus seguidores que “vem a hora em que todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a Deus” (João 16:2).

Quem eram os quarenta judeus que se comprometeram com esse juramento? Seriam os helenistas que tentaram matar Paulo duas décadas atrás (9:29)? Seriam os asiáticos que iniciaram um motim poucos dias antes (21:27)? Seriam os saduceus a quem Paulo enfureceu no Sinédrio (23:6-9) — ou pelo menos simpatizantes dos saduceus? Talvez todos eles e outros mais, pois os inimigos de Paulo entre os judeus eram uma legião.

A conspiração exigia a cooperação dos líderes do Sinédrio, mas conhecendo a reputação de derramador de sangue do sumo sacerdote e seus amigos¹³, não hesitaram em abordá-los a respeito da conspiração assassina.

Estes, indo ter com os principais sacerdotes¹⁴ e os anciãos, disseram: Juramos, sob pena de anátema, não comer coisa alguma, enquanto não matarmos Paulo. Agora, pois, notificai ao comandante, juntamente com o Sinédrio, que vo-lo apresente como se estivésseis para investigar¹⁵ mais acuradamente a sua causa; e nós, antes que ele chegue, estaremos prontos para

assassiná-lo (vv. 14, 15)¹⁶.

A conspiração era simples. Um representante do Sinédrio se desculpava ao comandante pela confusão do dia anterior e pediria uma nova oportunidade, garantindo que a comoção não se repetiria. Como o oficial ainda estava perplexo com a oposição a Paulo, ele provavelmente veria com bons olhos outra oportunidade para descobrir a verdade. Os quarenta conspiradores se infiltrariam na multidão dentro do templo, com punhais afiados escondidos sob suas túnicas. Enquanto Paulo fosse empurrado pelo pátio dos gentios por um pequeno destacamento de soldados¹⁷, os assassinos convergiriam sobre eles, desembainhando as facas. Em instantes, o sangue de Paulo se misturaria no calçamento com o sangue de seus protetores e seus assassinos¹⁸. Quando o feito fosse anunciado ao Sinédrio, o sumo sacerdote balança a cabeça, declara sua indignação por tal coisa ter ocorrido nas dependências do templo e dispensaria a assembléia. Era uma conspiração que tinha tudo para dar certo.

O sábio Salomão proclamou: “Não há... inteligência, nem mesmo conselho contra o Senhor” (Provérbio 21:30) — e Jesus tinha garantido a Paulo que ele chegaria a Roma. Como, então, a conspiração seria impedida? Será que Deus providenciaria uma fuga milagrosa para Paulo? Deus já se mostrara adepto a arrombamentos miraculosos de celas (Atos 5:19; 12:7; 16:26). Esse não seria o esquema do Senhor em Atos 23. Mas Paulo seria protegido pelo cuidado *providencial* de Deus.

Um estudo da doutrina bíblica da providência de Deus certamente aumentará nossa esperança. Certa vez, perguntaram a G.C. Brewer¹⁹: “Você crê na providência especial de Deus?” Ele respondeu: “Que outra coisa haveria de existir?”²⁰ A

¹²Compare esse incidente com 1 Samuel 14:24 e 2 Samuel 3:35. Para um paralelo pagão, veja 1 Reis 19:2. ¹³Veja as observações a Ananias, o sumo sacerdote, na lição anterior. ¹⁴Vejas as observações sobre “os principais sacerdotes”, na lição “Quando Satanás Dificulta as Coisas”. ¹⁵Desnecessário é supor que os fariseus que defenderam Paulo no dia anterior faziam parte da conspiração (observe que os escribas nunca são mencionados; eram na maioria fariseus). O Sinédrio estava sob o controle dos saduceus. O plano, provavelmente, era convocar uma reunião do Sinédrio e propor que pedissem ao comandante para levar Paulo novamente diante deles, sem mencionar a conspiração para matá-lo. Os fariseus certamente concordaram com isso. ¹⁶Observe que os que fizeram tal conspiração e os membros do Sinédrio que concordaram com isso finalmente admitiram a inocência de Paulo. Em outras palavras, sabiam que Paulo jamais seria condenado num tribunal justo. ¹⁷Aparentemente, no dia anterior, o comandante não trouxera um grande número de soldados para a reunião do Sinédrio, pois ele teve de chamar reforços para salvar Paulo (23:27). ¹⁸O texto ocidental acrescenta ao final do v. 15: “mesmo que tenhamos de morrer por isso”. Dizem que é possível assassinar quase qualquer um, desde que o assassino esteja disposto a dar a vida por isso. Esses fanáticos odiavam tanto Paulo que estavam dispostos a sacrificar a vida para acabar com ele. ¹⁹G.C. Brewer foi um famoso pregador da geração passada. ²⁰Citado em Rick Atchley, “Evidence of Providence” (“Evidências da Providência”). Sermão pregado na igreja de Cristo em Southern Hills, Abilene, Texas, em 15 de março de 1987.

palavra “providência” não ocorre na Bíblia em português²¹; provem do latim e significa literalmente “ver adiante” (isto é, prever, antecipar), enquanto o termo grego composto traduzido pelo verbo “prover” significa quase o mesmo: “pensar antes ou adiante [no tempo]”. Tanto em português quanto no grego, a palavra refere-se a fazer uma provisão previamente. Obviamente, os seres humanos fazem isso a todo o tempo. Que segurança saber que Deus faz o mesmo pelo Seu povo!

A providência ocorre quando Deus trabalha através da lei natural e não através da suspensão da lei natural (isto é, através de milagres). Alguém definiu a providência como “a mão de Deus na luva da história”²². No estudo da última visita de Paulo a Jerusalém, já vimos a providência de Deus em operação vez após vez. Teria sido meramente uma coincidência um comandante romano estar imediatamente de prontidão quando Paulo foi agredido pela multidão no pátio do templo? Teria sido apenas uma questão de “sorte” Paulo ter escapado da morte por ser cidadão romano? Será que “simplesmente aconteceu” de o comandante ser um oficial consciencioso que respeitava os direitos dos cidadãos romanos? Não, nosso Deus estava no controle!

Quando ensinamos que Deus não opera miraculosamente hoje, somos acusados de limitar Deus. Quem acredita que Deus não pode operar se não for miraculosamente é que está limitando Deus! Os versículos 12 a 35 não mencionam Deus sequer uma vez, nem milagre algum ocorreu ali; mas a mão de Deus é evidente em tudo o que se

passou!

Desvendada uma Conspiração (vv. 16–22)

Continuemos a história a partir do versículo 16: “Mas o filho da irmã de Paulo, tendo ouvido a trama” (v. 16a). Como as palavras de Lucas despertam curiosidade²³! Quem era esse sobrinho²⁴? Por que ele estava em Jerusalém²⁵? Será que era cristão²⁶? Como ficou sabendo da trama proposta²⁷? Nada disso era importante para Lucas. O importante era que o jovem soube da conspiração e foi diretamente até Paulo com a notícia. “Foi, entrou na fortaleza e de tudo avisou a Paulo” (v. 16b). (Como Paulo disse aos romanos que era cidadão romano, parece ter recebido um tratamento diferenciado, incluindo permissão para receber visitas [veja 24:23; 28:30]²⁸.)

Evidentemente, Paulo foi alertado pelo comunicado de seu sobrinho. Lemos o seguinte:

Então, este, chamando um dos centuriões, disse: Leva este rapaz ao comandante, porque tem alguma coisa a comunicar-lhe. Tomando-o, pois, levou-o ao comandante, dizendo: O preso Paulo, chamando-me, pediu-me que trouxesse à tua presença este rapaz, pois tem algo que dizer-te. Tomou-o pela mão o comandante e, pondo-se à parte, perguntou-lhe: Que tens a comunicar-me? (23:17–19).

Algo no rapaz, talvez a expressão de seu rosto, convenceu imediatamente o oficial romano de que ele tinha um recado importante. Levou-o de lado para que ninguém ouvisse. Os termos usados para descrever o sobrinho de Paulo e o fato de o comandante tomá-lo pela mão²⁹ levaram muitos

²¹Isto se aplica tanto à ERA quanto à ERC. Deve-se notar, porém, que a forma *verbal* da palavra encontra-se nas passagens que enfatizam que “Deus provê” (por exemplo, Gênesis 22:8). ²²Citado por Atchley. ²³F.F. Bruce chamou isso de “um dos incidentes mais torturantes de Atos, para todos os que se interessam pela vida particular e pelas relações familiares de Paulo” (*The Book of Acts* [“O Livro de Atos”], ed. rev. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988, p. 432). ²⁴Esta é a única referência direta à família de Paulo na Bíblia. O termo “parentes” em Romanos 16:7, 21 provavelmente refere-se a companheiros judeus (veja Romanos 9:3). ²⁵Talvez, assim como o tio, mandaram-no para Jerusalém para estudar. Talvez sua família tivesse ido a Jerusalém para a festa do Pentecostes e ainda não tivesse voltado para casa. Alguns pensam que sua irmã tinha uma casa em Jerusalém, mas se esse fosse o caso e eles fossem amigos, é difícil entender por que Paulo ficou hospedado na casa de Mnasom (21:16). ²⁶Quando Paulo tornou-se cristão, isso provavelmente o separou de sua família (veja Filipenses 3:7, 8), mas, por alguma razão, esse sobrinho estava preocupado com o que aconteceu ao tio. Quando Paulo regressou a Tarso depois de se converter (Atos 9:30), será que conseguiu converter alguns de seus familiares? Se o sobrinho fora a Jerusalém para estudar, será que entrou em contato com os membros da igreja, sendo convertido, ou tornando-se pelo menos um simpatizante da causa cristã? Se não havia se convertido, talvez apenas considerasse Paulo como “família”, odiando vê-lo ser morto. ²⁷Talvez, ele simplesmente tenha ouvido um boato; é difícil manter em segredo um assunto que envolve mais de quarenta pessoas. Todavia, uma vez que ele (1) ouviu sobre a conspiração quase que imediatamente e (2) pôde repetir a trama quase palavra por palavra (compare os vv. 12–15 com os vv. 20, 21), é mais provável que ele tenha ouvido secretamente os planos sendo feitos. Alguns acreditam que a irmã de Paulo havia se casado com alguém da família do sumo sacerdote, de modo que as pessoas da casa dela tiveram acesso a essas informações. (Outra sugestão é que a notícia da conspiração chegou à igreja e que eles mandaram o rapaz levar a notícia a Paulo. Esta deve ser a possibilidade mais remota de todas.) ²⁸Era de praxe um preso depender de amigos para ser alimentado ou para outras necessidades da vida (veja Mateus 25:36, 40; Hebreus 10:34; 13:3). ²⁹Um soldado romano dificilmente tomaria um jovem ou um adulto pela mão.

estudiosos a concluir que ele era um menino³⁰. Sendo assim, ele foi mesmo corajoso ao levar um recado tão perigoso até a prisão.

Imagine esse rapazinho dando instruções a um oficial romano:

Respondeu ele: Os judeus decidiram rogar-te que, amanhã, apresentes Paulo ao Sinédrio, como se houvesse de inquirir mais acuradamente a seu respeito. Tu, pois, não te deixes persuadir, porque mais de quarenta entre eles estão pactuados entre si, sob anátema, de não comer, nem beber, enquanto não o matarem; e, agora, estão prontos, esperando a tua promessa³¹ (vv. 20, 21).

Novamente, algo no sobrinho de Paulo fez o oficial romano acreditar nele. Certamente o oficial estava naquele posto por um período suficiente para saber que aquele era exatamente o tipo de atuação que os judeus eram capazes de arquitetar³². Diante do que o menino disse, o comandante ponderou suas opções³³: uma opção era concordar com o pedido do Sinédrio. Se ele fizesse isso, ficaria livre de um problema detestável — mas seria uma mancha no seu currículo perder um prisioneiro³⁴, além do que era um homem consciencioso. Paulo era um cidadão romano que deveria ser protegido. Outra opção seria fingir concordar com o plano do Sinédrio e depois mandar soldados suficientes para matar os prováveis assassinos. Isso, porém, incitaria um motim — o tipo de situação que ele deveria evitar. A única opção viável era levar o prisioneiro

para fora da cidade, tão rápida e discretamente quanto possível.

Havendo tomado uma decisão, o comandante rapidamente dispensou o informante: “despediu o rapaz, recomendando-lhe que a ninguém dissesse ter-lhe trazido estas informações” (v. 22). Não queria que o Sinédrio soubesse que ele sabia da conspiração antes que agissem, ou poderiam tentar frustrar seu plano. Nem queria que soubessem que ele sabia do plano, ou poderiam se rebelar. A atitude do comandante teria de parecer o padrão da política militar e policial.

Destruída uma Conspiração (vv. 23–35)

Rapidamente, o oficial pôs o seu plano em ação:

Chamando dois centuriões, ordenou: Tende de prontidão, desde a hora terceira da noite, duzentos soldados, setenta de cavalaria e duzentos lanceiros³⁵ para irem até Cesaréia; preparai também animais para fazer Paulo³⁶ montar³⁷ e ir com segurança ao governador Félix³⁸ (vv. 23, 24).

O comandante mandou 470 homens escoltarem um prisioneiro — quase a metade do regimento sob seu comando³⁹! Já vimos “até aonde os judeus foram para eliminar Paulo”; agora, “vemos até aonde o governo romano iria a fim de administrar justiça imparcial⁴⁰!” Paulo deveria ser levado para Cesaréia, onde ficava o quartel das forças ocupacionais romanas e a sede do governo

³⁰ Ainda que seja isso verdadeiro, ele era, obviamente, grande o suficiente para comunicar com exatidão todos os detalhes da conspiração. ³¹ As palavras “prontos, esperando” não devem ser entendidas como se o pedido já tivesse sido feito e eles estivessem aguardando a resposta do comandante. Significam simplesmente que estavam “prontos, esperando” para pôr o plano em ação. Não queriam se apressar mais do que já haviam se apressado! Provavelmente, o pedido chegaria na manhã seguinte. ³² Certamente ele tinha muita experiência em analisar se as pessoas estavam falando a verdade ou mentindo. ³³ Creio que era esse o caso porque assim que ele despediu o sobrinho de Paulo, tomou uma decisão sobre como proceder. ³⁴ Um texto antigo acrescenta o seguinte ao final do v. 24: “Pois temia que os judeus se apoderassem dele e o matassem, e ele fosse depois acusado de aceitar dinheiro [isto é, suborno]”. ³⁵ O termo grego traduzido por “lanceiros” é ambíguo e significa “segurar (ou atirar com) na mão direita”. Parece referir-se a soldados armados com uma arma que podia ser segurada ou atirada com a mão direita. Algumas traduções têm simplesmente “tropas armadas”. ³⁶ Poderiam ser cavalos ou mulas. É mais provável que fossem cavalos mesmo. ³⁷ É possível que houvesse um cavalo para Paulo porque, depois dos maus tratos, não estaria em condições de marchar. Também é possível que fosse uma concessão de um comandante que reconhecia a inocência de Paulo. De qualquer forma, poderiam viajar mais rápido na primeira parte da jornada — e definitivamente na segunda parte da viagem — se Paulo estivesse montado. Observe que “animais” está no plural. Será que havia animais extras para garantir que Paulo sempre tivesse uma montaria descansada? Seria um dos animais para o soldado acorrentado com Paulo? Havia animais extras necessários para carregar os pertences de Paulo? É possível que alguns amigos de Paulo e “companheiros na prisão” tenham sido removidos também ao mesmo tempo (como Lucas e Aristarco; veja Atos 27:2; Colossenses 4:10). Mais uma vez, temos de reconhecer que não sabemos. ³⁸ Veja as notas sobre Félix na lição “Paulo no Tribunal!”. ³⁹ O termo grego usado para designar esse comandante indica que ele tinha mil homens sob seu comando. ⁴⁰ William Barclay, *The Acts of the Apostles* (“Os Atos dos Apóstolos”), The Daily Study Bible Series, ed. rev. Filadélfia: Westminster Press, 1976, p. 166. Alguns cétricos duvidam da veracidade de Lucas neste ponto; escarnecem diante da idéia de que tantos homens fossem despachados para proteger um prisioneiro. Todavia, a Palestina atravessava um período problemático. O comandante não queria só mandar homens suficientes para derrotar os quarenta fanáticos, caso os soldados fossem atacados; mas queria mandar homens suficientes para que ninguém *ousasse* atacá-los.

romano⁴¹.

Preciso fazer uma pausa para lançar algumas perguntas: foi por uma feliz casualidade que dentre todo o povo de Jerusalém, o único que ouviu sobre a conspiração estava preocupado o bastante com Paulo para avisá-lo? Foi por acaso que Paulo foi tratado com consideração a ponto de poder receber visitas e também mandar um recado ao comandante? Foi só uma coincidência que aquele que comandava o forte era um tipo de homem capaz de ouvir concordemente um rapaz, e consciencioso o bastante para proteger Paulo — a qualquer preço? Foi por acaso que Paulo foi removido para Cesaréia, onde teria a oportunidade de apelar para César (25:11) e depois chegar finalmente a Roma? A resposta óbvia é “não”. Tudo isso foi o resultado da maravilhosa providência de Deus!

Enquanto se faziam os preparativos para transportar o prisioneiro, o comandante redigiu uma carta ao governador. Não era uma carta fácil de se escrever, pois ele não tinha uma idéia exata do que Paulo supostamente tinha feito de errado.

E o comandante escreveu uma carta⁴² nestes termos⁴³:

Cláudio Lísias⁴⁴ ao excelentíssimo⁴⁵ governador Félix, saúde. Este homem foi preso pelos judeus e estava prestes a ser morto por eles, quando eu, sobrevindo com a guarda, o librei, por saber que ele era romano. Querendo certificar-me do motivo por que o acusavam, fi-lo descer ao Sinédrio deles; verifiquei ser ele acusado de coisas referentes à lei⁴⁶ que os rege, nada, porém, que justificasse morte ou mesmo prisão. Sendo eu informado de que ia haver uma cilada contra o homem, tratei de enviá-lo a ti, sem demora, intimando também os acusa-

dores a irem dizer, na tua presença, o que há contra ele (vv. 25–30).

A carta é um exemplo fascinante de como os fatos podem ser manipulados a fim de colocar o redator na melhor condição possível⁴⁷. Era verdade que o comandante havia salvado Paulo, mas ele não o salvou por ser ele um cidadão romano. Em vez disso, ele o prendeu para impedir um motim. Só ficou sabendo que Paulo era cidadão romano quando o espancou — um fato excluído da narrativa por conveniência. Além disso, quando o oficial mandou a carta, ele provavelmente *não* instruiu os acusadores de Paulo a irem para Cesaréia para apresentarem suas acusações contra ele. Isso ele certamente esperaria para fazer até o dia seguinte, quando soubesse que Paulo estava seguro e fora do alcance⁴⁸ deles.

Todavia, Lucas não incluiu essa carta — a única carta secular do Novo Testamento — para comprometer um oficial romano, mas sim para imortalizar as seguintes palavras: “verifiquei ser ele acusado de coisas referentes à lei que os rege, nada, porém, que justificasse morte ou mesmo prisão”⁴⁹. Por mais confuso que o comandante tenha ficado a respeito do que Paulo fez, pôde ver que a discórdia era teológica e não política. Pela lei romana, estava convencido de que Paulo desmerecia morte ou prisão⁵⁰. Em outras palavras, Paulo não era um criminoso e deveria ser solto!

Quando tudo estava pronto, o pequeno exército partiu da cidade, marchando pelo noroeste de Jerusalém, uma região íngreme e sombria⁵¹. Paulo tinha 470 guardas. Aliás, diga-

⁴¹Vejas as observações sobre Cesaréia nas lições “Conselhos Adultos para Crianças em Cristo” e “Derrubando Paredes!”. Cesaréia aparece muitas vezes nestes estudos de Atos (8:40; 9:30; 10:1, 24; 11:11; 12:19; 18:22; 21:8, 16).
⁴²Literalmente, esta é “uma epístola”.
⁴³A palavra grega traduzida por “termos” é *tupos*, a palavra para “modelo”. A carta segue o padrão ou modelo das cartas daqueles dias, especialmente das correspondências oficiais. Lucas pode ter usado a palavra para que soubéssemos que apresentou uma forma abreviada da carta. Os críticos acusam Lucas de “inventar” a carta, insistindo que não havia como saber seu conteúdo. É possível, porém, que a carta tenha sido lida durante a audiência de Paulo, depois de ter chegado a Cesaréia. O mais importante é que Lucas foi inspirado pelo Espírito Santo — e tenho certeza de que Deus conhecia o conteúdo da carta.
⁴⁴“Lísias” indica que ele era grego por nascimento.
⁴⁵Compare esse epíteto com o de Lucas 1:3.
⁴⁶O texto ocidental acrescenta: “a respeito de Moisés e um certo Jesus”.
⁴⁷Dependendo da tradução, o comandante usou o pronome pessoal “eu” cinco ou sete vezes em sua breve carta.
⁴⁸Seu plano devia ser esperar até que o Sinédrio fosse até ele com o pedido para que apresentasse Paulo perante eles. Só então expressaria seu pesar por já ter levado Paulo para Cesaréia, sugerindo-lhes que fossem até lá se quisessem dar continuidade ao caso. Essa sugestão parece ser a causa da visita do sumo sacerdote a Cesaréia, em 24:1. De acordo com o texto ocidental, o comandante disse aos acusadores de Paulo para irem a Cesaréia (veja 24:8).
⁴⁹As palavras do comandante apóiam a conclusão (mencionada na nota de rodapé 16 da lição “Rejeitado em Jerusalém!”) de que a acusação de profanar o templo não foi levantada durante o “julgamento” perante o Sinédrio — pois profanar o templo *era* um pecado capital.
⁵⁰Aqui está outro paralelo com os julgamentos de Jesus (João 18:38). Lembre-se de que Lucas estava escrevendo para um oficial romano (veja as notas a Atos 1:1 na lição “A Mais Grandiosa Continuação de uma História que Já se Escreveu”). Provavelmente, queria deixar claro que a posição romana consistente sobre os cristãos era que eles não eram culpados de violar as leis de Roma.
⁵¹A movimentação das tropas dentro e fora da cidade devia ser uma cena comum, não levantando suspeitas.

se 471 — pois o Senhor estava com ele. Os homens viajavam o mais ligeiro possível pela região potencialmente perigosa. “Os soldados, pois, conforme lhes foi ordenado, tomaram Paulo e, durante a noite⁵², o conduziram até Antipátride”⁵³ (v. 31). Antipátride era uma estação militar situada na fronteira entre a Judéia e Samaria, a uns cinqüenta e seis quilômetros de Jerusalém, pouco mais da metade do caminho até Cesaréia⁵⁴.

Como desejara o comandante, despistaram os inimigos de Paulo partindo à noite. Tendo chegado a Antipátride, o território acidentado, montanhoso, onde poderiam sofrer uma emboscada, ficara para trás; a terra adiante deles era vasta e plana. Portanto, no dia seguinte (provavelmente depois de um breve descanso), os quatrocentos soldados e lanceiros voltaram para Jerusalém para reassumir seus deveres de manter a paz, deixando os setenta cavaleiros levarem Paulo até Cesaréia (v. 32).

Uma vez que toda a companhia estava montada, os últimos quarenta e pouco quilômetros até Cesaréia seriam rapidamente percorridos. Durante a viagem, Paulo retraçava a rota que ele e seus companheiros haviam feito há pouco mais de duas semanas. Devia estar maravilhado com tudo o que acontecera dentro de poucos dias e como a situação se revertera.

Finalmente, o grupo chegou a Cesaréia. A visão dos setenta legionários montados entrando na cidade deve ter formado uma multidão. Qualquer cristão que visse Paulo cercado de setenta soldados ficaria surpreso com a rapidez do cumprimento da profecia de Ágabo (21:10, 11).

Quando a escolta armada de Paulo chegou ao palácio do governador, eles “entregaram a carta ao governador e também lhe apresentaram Paulo” (23:33). “Podemos imaginar Paulo, empoeirado e abatido pela viagem, mãos e pés acorrentados, e ainda tranqüilamente confiante

[em pé] perante Félix”⁵⁵. Pela primeira vez, mas não a última, o pequeno judeu deparava-se com a figura política mais poderosa da Palestina.

Após ler a carta do comandante, o governador deve ter olhado para o fragilizado viajante de cima a baixo, imaginando como um judeu aparentemente tão inofensivo poderia causar tantos problemas. Finalmente, perguntou a Paulo de que província ele era (v. 34a)⁵⁶. “Quando soube que era da Cilícia” (v. 34b), uma província romana, decidiu que poderia cuidar legitimamente do caso. Despediu Paulo com uma repentina promessa: “Ouvir-te-ei quando chegarem os teus acusadores”⁵⁷ (v. 35a).

Paulo não foi posto numa prisão comum, mas no “pretório de Herodes”⁵⁸ (v. 35b). Era um palácio construído por Herodes, o Grande, que levava seu nome. Naquele tempo, servia de sede oficial do governador romano. Pela providência de Deus, essa seria “a casa forte” de Paulo, onde ele ficaria encarcerado pelos próximos dois anos (24:27).

E quanto aos mais de quarenta possíveis assassinos que fizeram um voto de não comer nem beber enquanto não matassem Paulo? Você consegue imaginar como eles ficaram frustrados ao saber que sua conspiração havia sido destruída e que Paulo estava fora de alcance? Se tivessem sido fiéis ao voto, deveriam estar famintos! Como os judeus eram adeptos a não cumprir votos de que se arrependiam de fazer, duvido que tenham perdido muitas refeições. Quem dera, ao menos aprendessem que “não há sabedoria, nem inteligência, nem mesmo conselho contra o Senhor” (Provérbios 21:30) — mas duvido que tenham aprendido.

CONCLUSÃO

O pensamento chave desta história é que *Deus está no controle*. Paulo precisou saber disso para manter a esperança viva — e nós também!

⁵²Mais uma vez, Paulo foi retirado para fora da cidade sob a escuridão (veja 9:25; 17:10). ⁵³O nome equivalente a Antipátride no Antigo Testamento é Afeque (1 Samuel 4:1). A cidade fora reconstruída por Herodes, o Grande e renomeada em homenagem a seu pai, Antipátride. ⁵⁴Veja o mapa na lição “Como Confirmar Seus Irmãos”. ⁵⁵Charles R. Swindoll, *The Strength of an Exacting Passion* (“A Força de uma Severa Paixão”). Anaheim, Calif.: Insight for Living, 1992, p. 103. ⁵⁶Determinar onde as pessoas deveriam ser julgadas era aparentemente uma questão complicada que envolvia o tipo de província, quem era seu governante, etc. Provavelmente, os fatores determinantes da decisão de Félix para julgar o caso eram, entre outros, estes: 1) a Cilícia era uma província romana; 2) Paulo era cidadão romano; 3) a infração ocorreu na província de Félix; 4) se o governador fizesse os judeus irem à Cilícia para apresentar suas acusações contra Paulo, isso lhes deixaria descontentes — algo que ele não se importava em fazer (veja 24:27). ⁵⁷Isto foi em resposta à afirmação da carta do comandante de que este instruíra os acusadores a levarem as queixas perante Félix (v. 30). Isso acontece na primeira parte do próximo capítulo. ⁵⁸“Pretório” é uma transliteração do termo grego usado para residências “oficiais” em várias localizações (Mateus 27:27; Marcos 15:16; João 18:28, 33; 19:9; Filipenses 1:3).

Agostinho disse: “Entregue o passado à misericórdia de Deus, o presente ao Seu amor e o futuro à Sua providência”⁵⁹. Pode ser que nós não possamos dizer que Deus está operando nas nossas vidas diariamente, mas podemos descansar seguros de que Ele está. Ed Wharton observou o seguinte: “A providência de Deus nas nossas vidas é um livro que, assim como certas línguas, só pode ser lido de trás para frente e somente pelos que crêem na Bíblia”⁶⁰. Aconteça o que acontecer, confie em Deus. Aprenda a dizer com

o salmista: “Tu és a minha esperança, Senhor Deus, a minha confiança...” (Salmo 71:5).

Encerrando esta lição, gostaria de fazer uma aplicação especial aos que ainda não se tornaram cristãos. Não há nada de miraculoso nesta lição, mas considere uma coisa: que a providência de Deus pode ter-lhe trazido até este estudo. Seria mera coincidência você estar refletindo nestas palavras? Com certeza, não. Deus quer que você se torne Seu filho! Por que não fazer isto imediatamente? ❖

⁵⁹Citado em Wiersbe, p. 496. ⁶⁰Ed Wharton, *The Action of the Book of Acts* (“A Ação do Livro de Atos”). Dallas: Gospel Teachers Publications, 1977, p. 54.

Autor: *David Roper*

Série: *Atos*

© Copyright 2002, 2003 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS